

*Travestis em Campos dos Goytacazes:
dois tempos, duas memórias**

MARINETE DOS SANTOS SILVA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
FABIO PESSANHA BILA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE

RESUMO

O artigo trata das memórias de dois travestis extremamente conhecidos na cidade de Campos dos Goytacazes, norte do estado do Rio de Janeiro. Vivendo em épocas diferentes, utilizaram-se de recursos diversos na composição de suas identidades. Enquanto o mais velho nunca esteve voltado para a sua inserção como cidadão, o mais jovem preocupa-se com a sua cidadania e luta por um reconhecimento da atividade de prostituição que realiza. O ponto de ligação entre os dois está centrado na importância da família e em alguns valores da tradicional sociedade campista.

Palavras-chave: Travesti; Homossexualidade; Tradição.

ABSTRACT

The article deals with the memories of two extremely well known transvestites in the city of Campos dos Goytacazes, north of the state of Rio de Janeiro. Living at different times, using various resources

in the composition of their identities. While the oldest has never been returned to its inclusion as a citizen, the youngest is concerned with their struggle for citizenship and recognition of an activity that performs prostitucional. The point of connection between the two focuses on the importance of family values and some of the traditional society campista.

Keywords: Shemale; Homosexuality; Tradition.

OS BAILES DE MÁSCARAS, NA INGLATERRA DO século XVIII, podem nos propiciar um olhar histórico sobre a cultura do travesti. No clima carnavalesco, os bailes eram marcados pelas transgressões às normas sociais, onde as classes mais altas se igualavam às classes baixas. Possibilitavam, ainda, aos indivíduos a transgressão das ‘normas’ socialmente definidas para os sexos. Para mulheres, prostitutas, travestis e homossexuais o disfarce propiciava experimentar prazeres sexuais desconhecidos e não permitidos, o que acarretava a quebra de tabus moralizantes da época. A máscara representava a fuga de si mesmo. Os limites morais e psicológicos internalizados desapareciam, pois as transgressões eram atribuídas a ‘outra pessoa’ – a máscara – e não a elas próprias. Os bailes de máscaras proporcionaram, no século XVIII, a afirmação de novas sexualidades. As transgressões atacaram as rígidas fronteiras de comportamento entre os gêneros, o que potencializou a individualidade e os desejos sexuais (CASTLE, 1999, p. 218).

Nesse período, a figura do travesti se tornou notória no centro urbano de Londres. O travesti era a revelação expressiva, ainda que paradoxal, de desejos ocultos dos indivíduos. Ele significava a transgressão aos modelos hierárquicos e intransponíveis, que a cultura moldou para cada um dos sexos. Significava uma extrema subversão para a sociedade da época e representava uma afronta à natureza e à ordem *natural* das coisas. Nesse período, as roupas marcavam as diferenças entre homens e mulheres. Trocá-las significava atentar contra os padrões morais da sociedade, como ressaltou Terry Castle:

O travesti erotizou o mundo. Não só as pessoas se livraram de suas inibições como também podiam experimentar, hipoteticamente pelo menos, um novo corpo e seus prazeres. A troca de roupa era também uma troca de desejos. O resultado era uma fuga do ‘natural’ – de tudo o que fosse culturalmente preordenado – para novos domínios da desordem voluptuosa (Castle, 1999, p. 201).

No fim do século XIX e início do XX, podemos identificar que o travestismo adquiriu um aspecto político. A feminista Madeleine Pelletier argumentava que a identidade masculina estava calcada na posse do falo. Isso garantia a exclusão das mulheres, que eram definidas como o outro. Como alternativa a isso, Madeleine Pelletier conclamava as mulheres a invocarem a posse do falo vestindo roupas masculinas. Segundo ela, travestir-se significava transgredir as normas dominantes da época, “era uma forma de afirmar sua individualidade perante a multidão que a desaprovava às claras” (Scott, 2002, p. 233). Para ela, o voto feminino era a única via de emancipação da mulher. Dessa forma, o fato de se travestir era uma estratégia política que as mulheres deveriam utilizar para romper com as restrições a que estavam submetidas devido ao seu sexo. É interessante notar que o travestir-se significava uma transgressão às normas sociais, a possibilidade de experimentar uma nova vivência com quebra das rígidas fronteiras dos gêneros. Por isso, a travestilidade contava com forte repressão social, principalmente dos setores tradicionais. O travesti evidenciava que as categorias sociais não eram naturalmente determinadas como queriam as ciências médicas e biológicas, mas que o gênero era uma construção social.

Entretanto, na segunda metade do século XX o ato de travestir-se passou a ser pensado como uma identidade sexual. Isso foi possível devido às significativas transformações sociais e políticas que ocorreram no final dos anos de 1960 para as chamadas minorias. Elas se organizaram em movimentos sociais para lutar pela efetivação da plena cidadania. O movimento feminista questionou a dominação masculina, a divisão sexual do trabalho. Os negros nos Estados Unidos contestaram a segregação étnica que limitava seus direitos. O movimento gay lutou pela descriminalização da homossexualidade, pela retirada da mesma da lista de doenças da Organização Mundial de Saúde e pela efetivação da cidadania homossexual. O movimento homossexual questionou os privilégios dos heterossexuais, como o casamento e a definição jurídica e social de família, que considerava apenas relações afetivas entre homens e mulheres. Solicitaram políticas públicas para combater a violência física e simbólica de que são vítimas os homossexuais. Embora os travestis estivessem, até os anos de 1960, associados aos homossexuais, os estudos acadêmicos demonstraram que há singularidades entre essas identidades de gênero, existindo associações próprias de travestis para lutar por suas reivindicações específicas.

Os trabalhos sobre a temática da travestilidade são hegemônicos em estudar as travestis, ou seja, homens que se identificam com o gênero feminino. Esses estudos ressaltam as experiências sociais que constroem a identidade

do travesti. Segundo Marcos Benedetti (2005), o processo de transformação das travestis constitui uma luta pelo que elas chamam de feminino que lhes é próprio. Fabricam formas e contornos femininos, com auxílio da tecnologia da medicina estética, nos seus próprios corpos. Criam seu próprio gênero, seus próprios valores relacionados ao feminino e ao masculino. Isso evidencia uma construção social da identidade de gênero própria das travestis. Dessa forma, analisaremos a trajetória de vida de duas delas Jolivete e Shana Carla, buscando destacar as experiências sociais que construíram suas identidades de gênero.

Jolivete e Shana Carla foram dois homossexuais com presença marcante em épocas diferentes em uma sociedade de economia baseada na cana-de-açúcar e caracterizada por extremo conservadorismo. Campos dos Goytacazes foi e ainda é uma cidade onde os valores tradicionais estão bastante presentes. Não raro, as pessoas locais, sobretudo aquelas de classe média, que se consideram “especiais”, perguntam aos desconhecidos a que família eles pertencem. Nos tempos áureos da economia açucareira, durante o verão, as “famílias tradicionais” costumavam se deslocar para a praia de Atafona, no vizinho município de São João da Barra. A partir dos anos 1990 o veraneio passa a ser feito na praia do Farol, situada no distrito de Santo Amaro, no próprio município de Campos. Essa mudança caracteriza a profunda decadência econômica dessas famílias na medida que à clássica elegância de Atafona seguiu-se o ambiente popular do Farol, com seus trios elétricos e shows de música de gosto duvidoso. Uma revista local, em uma reportagem intitulada “Somos Glamour e Tradição”, mostrou essa nova situação:

O glamour, as festas, o luxo dos carros requintados, as viagens à Europa e a alegria de outros carnavais, isso era capaz de parar a cidade. Assim era a vida da tradicional sociedade campista. A beleza das festas de alto nível, misturada à tradição e à elegância dos anfitriões. Mas o que era antes algo comum, visto e admirado constantemente, hoje está restrito a poucas famílias (Revista *Somos Assim*, nº 46 de 25 de maio de 2008).

Jolivete: androginia no nome e na vida

Jolivete Lorenzetti era filho de uma dessas famílias tradicionais e, ainda bem jovem, refutou tudo aquilo que o discurso sobre a sua anatomia indicava. Ele próprio, em depoimento, afirmava¹:

Já nasci gay, desde que me entendo de vida já botava meu vestidinho de mulher e brincava de boneca, tinha minha roupinha de mulher, brincava de casinha com minha irmã. Naquele tempo não tinha tanta maldade como tem hoje. Hoje um menino bota um vestidinho, uma bonequinha é um Deus nos acuda, por que já esta todo mundo de orelha em pé.

Nascido em 1939, abandonou a casa dos pais aos 17 anos. Contou que desde muito jovem era complexado por que se sentia diferente e pensava que apenas ele era assim. Foi rejeitado por uma parte da família e pelo próprio pai. Trabalhou como balconista e teve amantes endinheirados. Um deles foi, segundo seu relato, um grande industrial campista que o teria ajudado muito do ponto de vista econômico. Tinha uma vida confortável, passando férias no Rio de Janeiro, em Copacabana, bairro chique da época (anos 1960). Foi presenteado com imóveis (casas e terrenos). Buscando se libertar da dependência econômica, vendeu os imóveis e passou a viver do dinheiro apurado, que emprestava a juros. Depois se tornou proprietário de um salão de cabeleireiro por três anos.

O abandono da casa da família foi precedido de uma tentativa realizada por seu pai para engajá-lo nas Forças Armadas. Revelou que ambos chegaram a ser recebidos pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, então Ministro da Aeronáutica. Decidido a não acatar a decisão tomada pelo pai, Jolivete não mais compareceu aos exames para sua admissão:

Eu peguei e não fui. Para retirar os meus documento eu me maquiava e ia lá dentro no 3º QG dando a maior pinta; o pessoal fazia fiu fiu. Botaram que eu tinha pé chato para não magoar papai. Papai sabendo disso ficou apaixonado e com razão. Depois de um pistolão desse e um sacrifício desse, eu fazer uma sacanagem dessa e envergonhar ele. Ele tinha razão.

Começou a desfilar no carnaval de 1953. O auge de sua trajetória deu-se por volta da década de 1960 quando saía pelas principais ruas da cidade no período carnavalesco, segundo ele, arrancando aplausos e gritos da multidão. A participação de Jolivete nos eventos carnavalescos se dava em um contexto em que essa festa popular era freqüentada pelas chamadas elites econômicas da cidade. Além de fantasiar-se, seus dotes de cabeleireiro e maquiador eram então usados pelas senhoras e homens elegantes que necessitavam de uma transformação visual para se adequar aos personagens que povoavam o grande evento, marcado, segundo uma revista local, pelo luxo e pelo *glamour*. Figura

conhecida e de certo modo folclórica, travestia-se fora do carnaval, investindo sobretudo na maquiagem: base, batom, cílios postiços – sua marca de originalidade –, embora sua vestimenta fosse aquela vista como normal. É considerado o primeiro homossexual que se expôs publicamente na cidade pela sua aparência e identidade de gênero socialmente assumida.

Não obstante, sua opinião a respeito da homossexualidade não foi pensada como uma possibilidade, mas sim como algo anormal e desviante: “Eu sei que não é doença, mas é um desvio de conduta. Normais nós não somos. Se nós fôssemos normais, nos casaríamos com uma mulher.” Até os anos 1960 a psiquiatria via a homossexualidade como um desvio de conduta, como uma anormalidade. Tal fato havia sido estabelecido em fins do século XIX por R.Von Kraft-Eling e A. Von Schrenck-Notzing. Entretanto, em 1874 a Associação Psiquiátrica Americana não mais considerou a homossexualidade como uma perturbação mental, sendo isso um ato de cunho simbólico, marcando uma mudança “das relações de força entre as diferentes teorias da sexualidade.” Apesar disso, a homossexualidade continuou a ser vista de forma estreita, ora condenada ora justificada. Mesmo considerada como inata e não mais como perversão, o avanço político conseguido com essa nova teoria foi mínimo, pois que passou-se a falar de uma ‘natureza homossexual’, completamente diferente, um verdadeiro “terceiro sexo”. Em nenhum momento a heterossexualidade era posta em questão, sendo considerada como norma.

Perguntado sobre a luta por direitos dos homossexuais observou: “Eu não vou à Parada Gay. Eu não vou àquela bandalheira, aquela escrotidão, aquela coisa horrórida”. A sua não aceitação da homossexualidade em termos de possibilidade levou-o também a dizer: “Nós próprios gays temos preconceito contra nós mesmos”. E continuando em sua postura: “Um tem um empreguinho, outro tem um carguinho, se destaca e diz: eu tenho nível! Que nível? E veado tem nível? Você pratica o ato, você é como um outro qualquer. Escroto, vagabundo, vulgar como outro qualquer. É tudo a mesma coisa!”.

Nessa fala, pode-se perceber que Jolivete internalizou o preconceito contra os homossexuais. Essa questão já foi examinada por vários estudiosos – Pierre Bourdieu, Roger Chartier, entre outros – em seus estudos a respeito das chamadas minorias. Bourdieu nos fala da chamada violência simbólica, segundo a qual o dominado absorve e corrobora o discurso do dominador, sem nenhuma percepção crítica. Tal fato se configura na legitimação da dominação pelo próprio dominado, que a considera algo natural.

Mesmo se considerando desviante, Jolivete partilhava dos valores tradicionais tão cultivados na cidade. Com relação à família, dizia existirem as “tom-

badeiras” e as “honestíssimas”, como a dele próprio: “Minha família é rica”. Considerava sua mãe e irmã honestíssimas, pessoas íntegras. E indagava: “Porque a família honestíssima vai aceitar o gay se ele próprio não se aceita?” Indo um pouco mais além em seu raciocínio pleno de contradições, dizia: “Eu vivo viajando. Vou a São Paulo, Juiz de Fora, janto nos melhores restaurantes cinco estrelas. Fico no meio de famílias e industriais, um sábado ou outro eu vou ao quiosque”. Sua fala deixa transparecer a importância dada à família e aos estratos superiores da sociedade local. Mesmo indo ao quiosque – local frequentado pelos gays –, ou seja, ombreando-se com os “anormais” e “desviantes”, buscava destacar-se dentre os demais se identificando com as consideradas “elites” locais.

Sobre suas relações com a prostituição, alegou jamais ter se envolvido com tal atividade: “Não vou à Rua Vinte e Um de Abril (rua tradicional da prostituição campista usada pelas mulheres e travestis). Esse mundo eu não sei”. Entretanto, fez menção a episódios ocorridos, nos anos cinquenta e sessenta, nos prostíbulos mais famosos da cidade: o de Dona Dadá, o de Dona Lalá e o da Mangueira, fato que por si só lhe conferiria uma certa marca de distinção.

A respeito da homofobia e da violência que se abate sobre os homossexuais, revelou ter sido perseguido duramente por um delegado, que o agrediu no bordel Paraíso e também em plena rua, na saída do estádio de futebol do Americano, onde tinha ido assistir a um jogo. Nessa ocasião, o delegado chegou a sacar da arma, tendo sido impedido de atirar por um amigo. Considerava que, na atualidade, a possibilidade da agressão estava por todo lado. O agressor hoje não teria mais um rosto definido: “Não é mais o negão. Daí o perigo de levar rapazes para casa”.

Para Jolivete, os papéis de gênero, na atualidade, não eram mais delimitados: “Hoje as bichas viraram homem e os homens viraram bicha. A gente sabe que não existe mais o verdadeiro homem, é muito difícil”. Essa mudança o deixava atônito e ele perguntava: “o que aconteceu com os homens?” Don Kulick (2008) investigou essa preocupação com a virilidade dos parceiros entre os travestis da cidade de Salvador (BA), mostrando que os mesmos querem como amantes homens que não se deixem penetrar, os chamados por eles de ‘verdadeiros homens’. Estes últimos são percebidos como indivíduos heterossexuais, embora mantenham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Ao ser indagado sobre sua importância para o movimento gay local, respondeu que não sabia se era patrimônio da cidade, folclore ou mito, mas sabia de sua força, pois ninguém conseguiria ficar 50 anos sendo questionado e o

povo ainda respeitar: “A coisa do povo comigo é muito bonita”. Jolivete faleceu vitimado por um câncer em maio de 2006.

Shana Carla: o fim da ambigüidade (?) e o discurso da cidadania

SHANA CARLA OU ARINO DE Tal tem 43 anos. Contrariamente a Jolivete, vem de uma família pobre do município de São João da Barra, onde vivia ao lado de 15 irmãos, com muita dificuldade.² Recorda que desde pequena gostava de brincar com meninas e com as irmãs. Arrumava a casa e cuidava dos afazeres domésticos quando a mãe se ausentava. Recorda que teve sua primeira experiência sexual aos 12 anos. Essa precocidade no início da vida sexual entre os travestis foi constatada também entre os travestis da cidade do México (PRIEUR, 1998). Veio para Campos dos Goytacazes e depois para o Rio de Janeiro, onde trabalhou em um banco, realizando serviços de limpeza. Seu nome social foi escolhido por ele próprio aos 16 anos. Nessa época, segundo suas palavras era um “gayzinho”, sendo vítima de preconceito no trabalho, onde brigava muito. Demitiu-se do emprego colocou silicone nos seios, operou o nariz, deixou o cabelo crescer e voltou para Campos dos Goytacazes já transformado. Nessa época estava com 21 anos.

Quando voltou do Rio de Janeiro, na década de 1980, não tinha opção de emprego e precisava trabalhar. Segundo ela, o único meio de sobreviver e ajudar as pessoas da família foi se prostituir. Começou fazendo shows em casas noturnas, mas depois foi para a Rua Vinte Um de Abril. Nessa época, só existia nessa rua a prostituição feminina. Shana Carla diz que inaugurou a prostituição de travestis nesse local. Foi presa várias vezes, chegando mesmo a ser detida três vezes em uma só noite. Brigou muito com a polícia, quebrou camburão, delegacias, chegando a tomar dois tiros. Alega que, como cidadão, apenas se defendia, pois a prostituição não é um crime, é apenas uma atividade: “Sou profissional do sexo”, diz ela.

Inaugurou a boate Chaparral em São Francisco do Itabapoana (município vizinho a Campos dos Goytacazes) e o Mon Cheri em Guarus (bairro da periferia da cidade): “Eu fazia show de transformista, movimentava o *strip-tease*. Revelou que nesse período, na Rua dos Andradas (próxima a rua Vinte e Um de Abril), havia cerca de cinco boates com muitas garotas, semelhante ao Manguê no Rio de Janeiro, em atividade mesmo com o sol quente. Ela circulava nessa área juntamente com as mulheres, tendo, segundo suas palavras, grande aceitação, fato que levou ao aparecimento de outros travestis.

Suas brigas com a polícia continuaram. Dizia àqueles que a interpelavam: “O salário de vocês sai do meu bolso”. A situação, segundo ela, piorou quando adquiriu um carro. Os policiais, indignados, observavam: “Porra, veado na esquina de carro e eu trabalhando não tenho carro. Você é muito abusada!” Alegavam que com ela “só matando”. Ela retrucava: “Vocês vão matar um veado, não um veadinho qualquer, não fui feita nas coxas. Não estou aqui para brincadeira”. Sua postura reivindicando para si uma cidadania levava-a a dizer: “Eu respeito todo mundo, respeito você como autoridade, mas você tem que me respeitar como cidadão. Estou dando o que é meu”.

Após esses embates, Shana alega ter conseguido um acordo com os coronéis da PM para que não houvesse mais perseguições às mulheres e travestis que se prostituíam. Afirma ter imposto um “regulamento de ética”, respeitando o silêncio das pessoas. Até o ano dois mil coordenou os ‘trabalhos’ no local. Contudo, abandonou a Rua Vinte Um de Abril, pois que, segundo ela, hoje em dia a mesma está cheia de marginais: “São poucos os travestis dali que merecem credibilidade. Existe droga, roubo, extorsão e a polícia começou a perturbar de novo”. Seu afastamento se deveu não apenas a esse fato, mas também por investir, no momento, o dinheiro ganho na prostituição em novas atividades, como o teatro. O gerenciamento de sua vida levou-a a fazer também cursos no SENAC: corte e costura, moldes, cabeleireiro. Chega no momento a ter inclusive patrocinadores. Não se retirou, entretanto, totalmente da prostituição: “Quando eu tenho uma continha extra para pagar eu bato lá. Eu tenho alguns clientes que vêm à minha casa, mas quando não vêm eu dou um pulinho ali.”

Sobre a família, Shana tem opiniões muito peculiares. Considera-se uma salvadora de casamentos, chegando, segundo afirma, a receber cumprimentos das mulheres. Reafirmando os valores da sociedade local – os valores burgueses – como o matrimônio, a respeitabilidade e a inserção social, diz que o travesti tem que se impor:

Qualquer garotinho doido que põe uma peruca na cabeça não é travesti. Enquanto não se impõe não respeita o direito dos outros para mim não é travesti. Travesti é aquele que participa que está vinte e quatro horas por dia como mulher. Enquanto está como bichinha escandalosa que grita, que faz escândalo e que não respeita o esposo que está com a esposa, não é travesti.

A propósito de sua própria família, afirma ser respeitada por todos os seus membros, sendo chamada de Shana e de tia por seus sobrinhos. Revela ainda ajudá-los financeiramente sempre que pode. Frequentemente, os homossexu-

ais, segundo Pollack, conseguem posições profissionais e rendas superiores aos demais membros da família, engendrando com isso estratégias específicas para ter aceitabilidade em um meio que pode lhes ser hostil. Em muitos casos, a escolaridade faz esse trabalho. No caso específico de Shana, a prostituição e os ganhos com a mesma, além da alegada proximidade com as elites locais, possibilitaram que ela pudesse gozar dessa respeitabilidade.

Para ela a prostituição deve ser encarada como uma profissão. Conversou com um sindicalista para tentar organizar um sindicato da categoria. Enfaticamente observou:

Campos dos Goytacazes embora seja uma capital regional (sic) não possui associações, parada gay, movimento em favor do homossexual. Os próprios homossexuais não se organizam. Campos tem muitos homossexuais, mas que atuam no movimento social fora da cidade, no Rio de Janeiro. Eles têm medo da sociedade campista, da família.

A respeito da pretensa moralidade cultivada na cidade diz: “Campos só é puritana até oito horas da noite”. Sua clientela é formada por muitos pais de famílias, homens casados. Estabelecendo uma estratificação observa: “Os pobres só querem mesmo o sexo. Mas os ricos querem fantasias, pois têm dinheiro no bolso”.

Na questão dos papéis sexuais, alega não ter problemas, pois pode ser ativa ou passiva e, em razão disso, é respeitada e famosa. Já teve companheiro fixo, mas não acredita mais nessa possibilidade. Lavar, passar e cozinhar não faz mais, “pois homem não dá valor a essas coisas”.

Hoje, orgulha-se de conviver com as elites políticas locais. Diz ter sido recebida pela primeira dama da cidade para tomar chá e anualmente organiza no Teatro Trianon – o mais tradicional da localidade – um evento onde são entregues troféus para personalidades que se destacaram em vários âmbitos (jornalistas, artistas, políticos e pessoas engajadas em associações de caridade) em toda região norte e noroeste do Estado do Rio de Janeiro. Considerando-se uma pessoa de êxito exalta sua própria capacidade:

Aqui em Campos eu consegui a credibilidade junto à sociedade campista sem ter de usar máscara, terno, gravata, bigode, essas coisas. Eu tenho um conceito muito grande entre políticos, em todos os segmentos da sociedade aqui em Campos e na região, São João da Barra, Búzios. Eu me impus sempre respeitando o espaço do outro.

Conclusão

AS TRAJETÓRIAS DE JOLIVETE E SHANA CARLA SÃO marcadas por algumas diferenças. Enquanto a primeira era proveniente de uma família tradicional local, a segunda veio de uma família numerosa e pobre de uma cidade vizinha. Vivendo em tempos diferentes, apropriaram-se dos recursos disponíveis para a composição de uma nova identidade. Enquanto Jolivete investiu pesado na maquiagem e nas festas de carnaval, Shana realizou intervenções no próprio corpo – implantação de silicone e cirurgia plástica –, investindo na produção de peças teatrais e eventos culturais. Com relação aos papéis de gênero, Jolivete, de forma indignada, lamentava a mistura dos mesmos, causando uma indiferenciação entre ‘homens’ e ‘bichas’, turvando o que ele considerava a divisão natural dos sexos. Shana, ao contrário, realiza ambos os papéis sem problemas para sua identidade, sendo uma travesti radicada em um novo tempo histórico, onde o movimento gay, deslanchado a partir de 1969, questionou a clássica divisão entre ativos e passivos, que apenas reproduzia a heterossexualidade dominante (Chauncey, 1998).

Considerando-se um anormal, Jolivete introjetou a visão negativa a respeito dos homossexuais vigorante até os anos sessenta (Pollak, 1982). Shana, ao contrário, não se vê como uma aberração e reivindica para si uma cidadania que ela considera ameaçada por policiais truculentos.

As similitudes entre os dois são, entretanto, inequívocas. A valorização da família como alguma coisa praticamente sagrada aparece em ambas. É necessário respeitá-la acima de tudo. Impor-se significava primeiramente portar-se com certo comedimento face a ela. Tanto um quanto outro gabavam-se também de suas estreitas relações com as consideradas elites locais (famílias ricas e de políticos).

Para finalizar, vale colocar a pergunta que não quer calar. De que maneira uma cidade tão conservadora como Campos dos Goytacazes conviveu e convive ainda hoje com essas personalidades tão especiais? À guisa de uma resposta provisória poderíamos arriscar que ambos sobreviveram e tornaram-se celebridades locais em função do que poderíamos chamar de uma singularidade folclórica. Seriam talvez uma válvula de escape ao conservadorismo e ao tradicionalismo, tão característicos de uma cidade que tem como um dos seus ditos populares mais conhecidos: “Campos, terra do açúcar e do melado, em cada janela uma puta, em cada esquina um veado”.

REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CASTLE, Terry. A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: ROSSEUAU, G.S. et al (Org.). *Submundos do sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CHARTIER, R. Diferença entre os sexos e dominação simbólica. (nota crítica). *Cadernos Pagu*, Campinas, n.4, 1995.
- CHAUNCEY, George. Gay New York. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, décembre, 1998, p. 9-14.
- KULICK, Don. *Travesti, prostituição, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 2008.
- POLLAK, Michael. L'homosexualité masculine, ou: le bonheur dans le ghetto?. In ARIÉS, Philippe et BÉJIN, André (Org). *Sexualités Occidentales*, Communications, 35, Paris, Éditions du Seuil, 1982.
- PRIEUR, Annick. Little Boys in Mother's wardrobe. *Sur les origins de l'homosexualité et de l'efféminement*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Paris, décembre, 1998, p. 15-29.
- Revista *SOMOS ASSIM*. Ano 1, nº 46, 25 de maio de 2008. Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro.
- SCOTT, Joan W. *A cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

NOTAS

* Artigo submetido à avaliação em 15 de maio de 2009 e aprovado para publicação em 18 de junho de 2009.

¹ Depoimento concedido aos autores em agosto de 2005.

² Depoimento concedido aos autores em agosto de 2005.